

APRESENTAÇÃO

A presente edição da Revista de Ciências Humanas está mais diversificada, nos temas e procedência das contribuições. Com efeito, ela contém artigos sobre as forças armadas, direito dos indígenas, peculiaridades das comunidades quilombolas, o trabalho na modernidade, bem como traz duas discussões sobre comportamento afiliativo e relações mãe-criança. RCH também inaugura uma seção, envolvendo textos sobre um determinado assunto ou algum intelectual influente. Assim sendo, os nossos leitores terão oportunidade de apreciar o dossiê Georg Simmel (1858-1918). Trata-se de um filósofo alemão que deu importantes contribuições sobre consumismo e valorização do dinheiro na sociedade ocidental. Ele foi um intelectual do início do século passado, mas suas idéias são incrivelmente atuais; o dossiê foi coordenado por Carmen Silvia Rial e Fernando Gonçalves Bitencourt e terá continuação na próxima edição da revista.

A seção Memórias Universitárias relembra o início da revolução modernista no Brasil e em Santa Catarina; a elaboração do texto e sistematização das entrevistas contaram com a valiosa colaboração de Arno Blass, professor aposentado do Departamento de Engenharia Mecânica/UFSC. O marco mais importante deste movimento foi a “Semana de Arte Moderna”, que ocorreu no Teatro Municipal de São Paulo (11 a 18 de Fevereiro/1922). O evento teve profundo impacto na sociedade paulista e gradativamente contaminou o restante do país. Na ocasião, foram realizadas exposições de artes plásticas, conferências, concertos musicais e recitais de poesias; alguns ficaram admirados com os ventos da modernidade, mas outros ficaram perplexos com as inovações – o conhecido escritor Monteiro Lobato dizia que tudo aquilo não passava de “arte degenerada”.

As primeiras décadas do século 20 foram marcadas por profundas inovações científicas e tecnológicas; surgiram os veículos automotores, a eletrificação das vias públicas, as vacinas e os antibióticos, o transporte de massa (trens e bondes). O cenário urbano exibia rápidas transformações, como o calçamento das ruas, construção de arranha-céus e o surgimento da indústria alimentícia. Essas mudanças causavam deslumbramento no homem urbano e civilizado, pois ele acreditava que tinha pleno domínio sobre a natureza e tinha nítida impressão que o futuro era alvissareiro, muito diferente do pessimismo do homem atual. Os modernistas compreenderam esses anseios e traduziram os novos espíritos numa nova forma de expressão artística.

O modernismo catarinense surgiu nos anos 1940 e deixou marcas indeléveis nos nossos costumes. O texto relembra os principais personagens e as dificuldades que aqueles intelectuais enfrentaram— eles tinham mais ou menos 20 anos por ocasião da deflagração do movimento. Muitos dos antigos modernistas ainda se encontram em pleno vigor intelectual, como atestam os depoimentos de Adolfo Boos Jr., Eglê Malheiros, Salim Miguel, Silveira de Souza e Walmor Cardoso da Silva. O movimento surgiu a partir do contato inicial de alguns alunos do Colégio Catarinense com Aníbal Nunes Pires (1915-78), o afável professor que tanto adorava o mundo das artes. Aníbal ensinava matemática e português e o relacionamento amistoso com os alunos fez germinar o modernismo catarinense, representado pelo conhecido grupo Sul. A seção presta uma homenagem ao Aníbal, Ody Fraga e Silva, Armando Carreirão e outros que contribuíram para o sucesso da empreitada modernista. É importante lembrar a história do grupo Sul, pois eles enfrentaram sérias dificuldades e a influência modernista persiste até os dias atuais.

O movimento foi bastante abrangente, pois influenciou as artes plásticas, teatro, cinema e, é claro, a literatura. Os modernistas catarinenses tinham bom relacionamento com grandes intelectuais, como Affonso Romano de Sant'Anna, Carlos Drummond de Andrade, José Lins do Rego e Marques Rebelo, sem esquecer os intelectuais africanos que publicavam regularmente seus textos na saudosa revista *Sul*. A seção Memórias Universitárias relembra como surgiu o modernismo em Santa Catarina e o documento foi enriquecido com a inserção dos depoimentos de dois intelectuais não diretamente relacionados ao movimento, mas ambos ligados ao mundo da literatura. Trata-se do conhecido escritor Flávio José Cardozo e de Lauro Junkes, crítico literário e presidente da Academia Catarinense de Letras. Todos esses personagens têm muitas histórias para contar e a leitura de seus depoimentos não causará desapontamentos aos nossos leitores.

Comentário final: as capas de RCH geralmente exibem imagens de prédios históricos e a beleza de nossas praias, mas a presente edição mostra o cartaz do lançamento do filme “O preço da ilusão” (1957). Foi o primeiro longa metragem genuinamente catarinense, outra aventura bem sucedida dos modernistas do Grupo Sul.

Rogério F. Guerra - Editor